

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

ANA PAULA GOMES CARNEIRO

UMBANDA E TERRITÓRIO:
a religião e suas territorialidades no Plano Piloto

BRASÍLIA - DF
2012

ANA PAULA GOMES CARNEIRO

UMBANDA E TERRITÓRIO:
a religião e suas territorialidades no Plano Piloto

Monografia apresentada à Universidade de Brasília, no Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Geografia como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientador: Professor Dr. Dante Flavio da Costa Reis Junior

BRASÍLIA - DF
2012

BRASÍLIA-DF

2012



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

ANA PAULA GOMES CARNEIRO

UMBANDA E TERRITÓRIO:
a religião e suas territorialidades no Plano Piloto

Monografia aprovada em ____/____/____ para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Dr. Dante Flavio da Costa Reis Junior (Orientador)
Universidade de Brasília- UnB

Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho
Universidade de Brasília- UnB

Dr. Glória Maria Vargas Lopez de Mesa
Universidade de Brasília- UnB

CARNEIRO, A.P.G.

Umbanda e território: a religião e a territorialidade no Plano Piloto. Ana Paula Gomes Carneiro. Distrito Federal, 2012.

(IH/GEA/UnB, Bacharelado, 2012)

Monografia de final de curso, Universidade de Brasília. Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Geografia.

I – Geografia Cultural

II - Identidade

III – Território

IV - Umbanda

| . IH/GEA/UnB |

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CARNEIRO, A.P.G. Umbanda e território: a religião e a territorialidade no Plano Piloto. Monografia de conclusão de curso de Geografia. Universidade de Brasília. Instituto de Ciências Humanas. Departamento de Geografia. Brasília, 2012.

CESSÃO DE DIREITOS

Autoria: Ana Paula Gomes Carneiro

Título: Umbanda e território: a religião e a territorialidade no Plano Piloto.

Grau: Bacharel, 2012.

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta monografia e, ainda, emprestar e/ou vender cópias, desde que sejam destinadas para propósitos acadêmicos ou científicos. A autora reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta monografia pode ser reproduzida sem a devida autorização, por escrito, por ela mesma.

À minha mãe, minha maior incentivadora.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Roselena, que dedicou a mim todo seu amor materno, sempre me incentivou nos estudos e na busca de ideais.

À minha vó Luzia, aos meus tios, em especial meu tio Telmo pelo apoio, carinho e incentivo durante a vida.

Aos meus padrinhos que cumpriram a função de pais me incentivando e dando puxões de orelha quando necessário.

Aos amigos da Tenda que me emprestaram livros, conhecimento e paciência: Patrícia, Fábio, Eneida, Valdete, Fernando, Nádia, Marina, Heini, Beth, Luiza e Mariá.

Aos meus amigos feitos na UnB : Igor, Paula, Bruna Lourenço, Bruna Lucena, Brisly, Marcinha, Ricardo, Feliciano, Elton, Hugo, Ana Júlia, Jonathan, Agnes, Aline, Wesley e Caio.

Ao Vitor Paiva que foi o maior companheiro durante essa graduação, me ajudando a passar por todos os perrengues. Você é reflexo da sua família maravilhosa (Fifi, Sonia, Divo, Ju, Sueli e Caio).

Ao melhor abraço do melhor amigo Diego Souza e à mais desnaturada porém melhor amiga Larissa Veludo.

À minha família biológica pelos finais de semana de distração em meio a muitas tempestades, às minhas irmãs, Gabrielle, Danielle e Aline e aos irmãos Lennon e Daniel, à tia Eulina e sua cria, o Igor e à minha mãe Jô.

Ao Marc Araújo, inicialmente pela amizade, mas também pelos mapas, pelas broncas para estudar, pelas risadas nos bons momentos, por ter paciência para agüentar minhas chatices e pelas raras, discretas e bonitinhas demonstrações de afeto.

Ao professor Dante, que topou o desafio de me orientar.

E finalmente, a Deus e aos meus guias espirituais, que me deram forças para não desistir nos momentos de maior desespero, me fazendo acreditar que tudo estava apenas por começar.

“As religiões são como luzes de diferentes cores. Se deixarmos as cores de lado por um momento veremos que todas são (podem ser) luzes que nos ajudarão a praticar o bem conosco e com o próximo.” (Daniel Marques, 2012)

RESUMO

A religião assim como a Geografia é uma prática social e está historicamente presente na civilização como busca para entender as nossas origens e justificar ações, fatos e pensamentos que costumam, por isso, prover mudanças no meio. A Umbanda é uma religião brasileira, fundada no começo do século XX, que apesar de utilizar materiais preceitos e conceitos de outras religiões, construiu uma identidade própria. Dessa forma, tendo em vista a necessidade da geografia atual, de buscar compreender os processos sócio-territoriais da sociedade, o objetivo dessa pesquisa é o de analisar os Centros de Umbanda do Plano Piloto enquanto territórios sagrados dotados de práticas singulares e propor uma análise da identidade da religião Umbanda na capital brasileira, dentro do aporte teórico da Geografia da Religião.

Palavras-chave: Geografia da Religião, Território, Identidade e Umbanda.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- População do Brasil por Religião.....	02
Tabela 2- População do Distrito Federal por religião	03

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Localização da área de estudo.....	24
Figura 2- Localização Centro Espírita Tenda de Oxalá	25
Figura 3 Salão da Tenda de Oxalá.....	27
Figura 4- Detalhes do Salão da Tenda de Oxalá	28
Figura 5- Localização Centro Espírita Pai Joaquim de Aruanda	30
Figura 6- Localização Centro Espírita Assistencialista Nossa Senhora da Glória	35
Figura 7- Frente do Nossa Senhora da Glória	35
Figura 8- Salão do Nossa Senhora da Glória	36
Figura 9- Congá do Centro Espírita Nossa da Glória	38

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	5
CESSÃO DE DIREITOS.....	5
.....	11
1.FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	17
1.1 BREVE HISTÓRICO.....	18
1.2 CULTURA.....	20
1.2.1 A transmissão.....	21
1.3IDENTIDADE.....	22
1.3.1 Identidade Territorial e Religião.....	22
1.4 GEOGRAFIA DA RELIGIÃO.....	24
2.1 HISTORICO.....	26
2.1.1 Sincretismo religioso e Orixás.....	27
2.1.2 Entidades.....	28
2.3INFLUÊNCIA AFRICANA.....	31
2.4 INFLUÊNCIA INDÍGENA.....	32
2.5 INFLUÊNCIA CRISTÃ E CATÓLICA.....	33
2.6 INFLUÊNCIA MÁGICA.....	33
3.1.1 Gira de Preto Velho.....	38
3.1.2 Gira de Criança.....	41
3.2 PAI JOAQUIM DE ARUANDA.....	42
3.2.1 A Busca das respostas.....	43
3.2.2 Gira de Preto-Velho.....	43
3.2.3 Kardec.....	44
3.2.4 Gira de Oriente.....	45
3.2.5 Festa de Exu.....	45
3.2.6 Gira de Caboclo.....	46
3.3.1 Gira de criança.....	49
CONCLUSÃO.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53

INTRODUÇÃO

A Geografia possui diversos âmbitos de estudo. Considerada por alguns como irrelevante, dentre eles está a Geografia da Religião. As religiões são instituições presentes nas vidas da grande maioria das pessoas nas sociedades modernas. Caracterizam-se por determinar normas e padrões a serem seguidos, e algumas têm importante peso nas decisões governamentais, constituindo então parte da dimensão geográfica.

A religião assim como a Geografia é uma prática social e está presente na civilização há muito tempo como busca para entender nossas origens e justificar ações, fatos e pensamentos que costumam, por isso, prover mudanças no meio. Hoje, a religião cabe no discurso geográfico não só porque sua prática modifica a paisagem, mas também pelo que sua prática representa no espaço. A Geografia Humanista, por exemplo, considera as relações entre os homens e considera suas experiências ao analisar fenômenos espaciais.

Historicamente, a religião oficial da maioria da população brasileira é o Catolicismo, devido à tradição cultural dos colonizadores portugueses. De acordo com a Constituição Brasileira de 1988, a liberdade religiosa é garantida assim como a separação entre as instituições Igreja e Estado. Ainda assim, conceitos religiosos são usados na administração do país por meio dos políticos eleitos democraticamente, os quais se valem de seus valores morais intrínsecos inclusive para a aprovação (ou reprovação) de leis.

O Brasil possui, de acordo com o censo 2010 (Tabela 1), mais de 190 milhões de habitantes. Destes, mais de 123 milhões se declaram católicos e 42 milhões evangélicos, dentre as várias divisões das igrejas.

População por religião- Brasil- 2012			
RELIGIÃO	TOTAL	HOMENS	MULHERES
Total (1)	190 755 799	93 406 990	97 348 809
Católica	123 972 524	61 528 054	62 444 470
Evangélicas	42 275 440	18 782 831	23 492 609
Espiritualista	61 739	24 857	36 882
Espírita	3 848 876	1 581 701	2 267 176
Umbanda	407 331	182 119	225 213
Candomblé	167 363	80 733	86 630
Outras declarações de religiosidades afro brasileira	14 103	6 636	7 467

Tabela 1 – População por religião
[Fonte IBGE (2010)]

Segundo Rosendahl (2002), o geógrafo deve iniciar sua investigação pela comunidade religiosa, preocupando-se com o equilíbrio entre sociedade, religião e economia que constituem um ambiente estruturado.

Sopher, de acordo com Rosendhal, propõe dois tipos de estudos para a temática cultura e sociedade: a interação entre uma cultura e seu ambiente terrestre e a situação espacial entre diversas culturas. Esse trabalho ambicionou uma interação entre os dois tipos, devendo representar a interação entre diferentes culturas, na forma de religiões diferentes, e a situação espacial de uma religião, a Umbanda, em uma determinada área – no caso o Plano Piloto (Asas Norte e Sul).

A Umbanda é uma religião espiritualista fundada no Brasil em 15 de Novembro de 1908, quando o Caboclo das Sete Encruzilhadas, incorporado no médium Zélio Fernandino de Moraes, numa sessão da Federação Espírita em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, anunciou a religião que falaria aos humildes, e que daria voz aos pretos velhos escravos de senzalas e aos índios, para que eles pudessem cumprir sua missão espiritual. Essa religião sempre foi marginalizada, por acolher quem não era “recebido” nas sessões espíritas; e hoje ainda o preconceito se mantém, pelo fato de diversos cultos usarem seu nome e propagarem imaginários que não correspondem à identidade da Umbanda.

Cada centro de Umbanda tem seu líder, chamado Babá no caso feminino e Babalaô ou Babalorixá no caso masculino, que junto aos guias espirituais determinam

quais serão os rituais de cada casa. Não há então nenhuma “instância” hierarquicamente superior que determine os ritos ou que responda pelas atividades praticadas ou cerimônias – também chamadas de “giras”, de cada lugar.

O Distrito Federal, com base nas informações coletadas no censo de 2010 (Tabela 2), possui aproximadamente 2,5 milhões de habitantes, dentre os quais 1,5 milhões são católicos. O número de Umbandistas declarados é de pouco mais de 3 mil.

Censo 2010- Religião no DF			
RELIGIÃO	TOTAL	HOMENS	MULHERES
Total (1)	2 570 160	1 228 880	1 341 280
Católicas	1 469 169	714 153	755 016
Evangélicas	690 982	297 612	393 369
Espiritualista	1 564	630	934
Espírita	89 836	36 903	52 933
Umbanda	3 331	1 276	2 055
Candomblé	2 204	1 051	1 153
Outras declarações de religiosidade afro brasileira	240	121	120

Tabela 2 – Religião no DF
[Fonte IBGE (2010)]

A questão formulada como objeto foi “Como os centros do Plano Piloto, dotados de singularidades, representam a identidade da Umbanda?”.

O decorrente objetivo geral do trabalho foi, então, o de analisar os Centros de Umbanda do Plano Piloto, pontuar suas singularidades, confirmá-los enquanto sagrados, e analisá-los enquanto representantes de uma identidade Umbandista.

A escolha da área de estudo se relaciona à dificuldade de informações oficiais sobre os Centros de Umbanda. Três centros, dentre os seis que estão citados neste trabalho, foram descobertos em conversas com os frequentadores das casas espirituais, questionando-os sobre a existência ou o conhecimento de outros lugares.

Quanto aos objetivos específicos, eles foram:

- Analisar a origem da religião Umbanda

- Realizar uma reflexão sobre a temática do território e a territorialização;
- Entender os aspectos que fazem os terreiros serem territórios e ainda assim representarem a identidade da Umbanda.

Para fins de comprovação formulamos as seguintes hipóteses:

- Cada centro é um território, mas diferente de Paróquias Católicas, por exemplo, pois não possui nenhuma instancia hierarquicamente superior.
- Os centros, apesar de independentes e responsáveis pelas suas práticas, denominam-se Umbandistas e criam uma identidade geral que acaba por confundir e mistificar outros religiosos.

Os procedimentos metodológicos utilizados na monografia foram: a) levantamento bibliográfico; b) mapeamento e visita aos centros; c) entrevista com os dirigentes e testemunho de sessões.

O levantamento bibliográfico objetivava elucidar os principais temas discutidos. Paul Claval nos deu amparo no que diz respeito ao histórico da Geografia Cultural, apresentando os conceitos de cultura e tratando da forma como se dá a sua transmissão, objeto também analisado neste trabalho. Acerca da questão “território”, o levantamento bibliográfico teve a intenção de relacionar sua criação com as relações de poder e com o sentimento de pertencimento. Para sustentar a argumentação teórica foram utilizados alguns autores que nos pareceram oportunos. Zeny Rosendahl usou os conceitos de território e territorialidade para falar do catolicismo, inclusive sobre hierarquias territoriais, fato este que dialoga com uma das hipóteses deste trabalho.

É nessa poderosa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas, ampliando muitas vezes o controle sobre os espaços, que a religião se estrutura enquanto instituição, criando territórios seus. (ROSENDAHL, 1996, p. 59).

Para compreender a utilização do termo território na perspectiva da identidade foram-nos importantes para a compreensão da temática os desenvolvimentos de Le Bossé e Sylvio F. Gil Filho.

No desenvolvimento do tema Umbanda e para pontuar as principais semelhanças com outras religiões, Alexandre Cumino e Ronaldo Linares, Diamantino Trindade e Wagner Costa serviram-nos de base.

O segundo procedimento metodológico teve como objeto o mapeamento dos Centros de Umbanda no Plano Piloto, buscando entender sua distribuição espacial.

No que diz respeito às práticas dos centros, foram feitas pesquisas no sentido de esclarecer o que cabe e o que não cabe na Umbanda criada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas. Assim, poder-se-ia compreender se muitas seriam as práticas presentes numa mesma identidade.

Por fim, pelo último procedimento, as entrevistas com as Babás ou os Babalorixás objetivaram identificar as semelhanças e diferenças entre as práticas (os materiais, os uniformes, os trabalhos realizados por cada casa), e ainda assistir a uma sessão, a fim de verificar, minimamente, os aspectos considerados como principais para esse trabalho.

1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Como agente transformador do espaço, a cultura tem a função de permear as relações sociais, dando diretrizes para que sejam reproduzidos no espaço, reflexos das interações entre homem-homem e homem-natureza em determinado espaço e tempo, permitindo que existam num mesmo espaço, elementos de diversos tempos. A “paisagem cultural”, produzida pelo homem, é considerada responsável pela substituição da paisagem natural.

A Geografia Cultural é um subcampo da Geografia, mas que, de acordo com Claval (2002), deixou de ser um subdomínio da Geografia Humana e é tão importante quanto a Geografia Econômica ou a Geografia Política.

De acordo com Corrêa e Rosendahl (2007) a cultura esteve presente em diversos trabalhos geográficos que ainda não eram considerados de Geografia Cultural, já que esta foi difundida a partir da Geografia Européia do final do século XIX. Segundo estes autores, a Escola de Berkeley (1925-1975), nos Estados Unidos, desempenhou papel fundamental na Geografia Cultural, graças a Carl Sauer (1889-1975). Em Berkeley, ela esteve calcada no historicismo e valorizava o passado ao invés do presente, defendendo-se que para compreender a paisagem presente era preciso redescobrir as paisagens ancestrais; logo, as culturas passadas.

A Escola de Berkeley foi muito criticada por considerar a cultura como algo exterior aos indivíduos de um dado grupo social; uma entidade com leis próprias que não permitiria autonomia aos indivíduos. Nessa visão haveria uma homogeneidade cultural e as mudanças ocorreriam por fatores externos, e não em função de contradições.

A revalorização da cultura, ocasionada a partir da década de 80, levou os geógrafos a repensarem e renovarem a Geografia Cultural, fazendo com que fossem considerados diferentes aspectos na análise: o presente e o passado, o material e não-material, o espontâneo ou o planejado. A análise está contida no que Haesbaert (2001)

chama de vertente culturalista das noções de território, considerando a apropriação e a valorização dada por um grupo a um determinado território

[...] num país onde convivem o catolicismo popular, cultos evangélicos e cultos afro-brasileiros, entre outros. Para cada um desses cultos, a espacialidade do sagrado e do profano adquire formas e significados próprios que podem se justificar ou se superpor (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 17).

De acordo com Correa (1995) são temas para investigação da Geografia Cultural:

- 1- paisagem rural brasileira, enquanto produto e matriz cultural, transformada pela modernização do campo;
- 2- percepção e avaliação ambiental da natureza e dos ambientes socialmente produzidos;
- 3- caráter simbólico dos objetos geográficos para os diversos grupos sociais;
- 4- trocas comerciais como prática cultural no espaço e seus significados;
- 5- as diversas manifestações religiosas em sua dimensão espacial, definindo espaços sagrados e profanos;
- 6- a variação espacial dos diferentes costumes e significados;
- 7- a cultura popular em suas múltiplas manifestações e variação espacial;
- 8- contatos e conflitos culturais resultantes do processo migratório; e
- 9- a caracterização e delimitação de áreas culturais no contexto de difusão de uma cultura com características globais.

Portanto, a Geografia Cultural se interessa pelas atividades humanas que causem alguma impressão característica na superfície terrestre. O objetivo da abordagem cultural, segundo Claval (2002), é compreender a significação dada ao meio, resultante da experiência dos homens nas vivências ambientais e sociais. Lugares e territórios representam para cada indivíduo uma experiência diferente, que se refere às experiências pessoais, que são responsáveis pela construção de objetos sociais.

1.1 BREVE HISTÓRICO

Segundo Claval (2007), Friedrich Ratzel (1844-1904) até então estudioso da história natural em Heidelberg, não satisfeito com as respostas que encontrara, descobriu a Geografia numa viagem aos Estados Unidos. Após estudar obras e lições dos geógrafos alemães Alexandre Von Humboldt (1769-1859) e Carl Ritter (1779-1859), propõe o nome de antropogeografia para qualificar este novo capítulo que buscava descrever e mapear áreas habitadas pelos homens, as causas da distribuição dos povos na superfície terrestre a influencia da natureza sobre os homens. Ratzel dedica os anos de 1880 aos estudos de diferenciação cultural das regiões da terra.

A geografia concebida por Ratzel atribui um lugar importante aos fatos de cultura, porque se vincula aos meios de aproveitamento do ambiente e àqueles estabelecidos para facilitar os deslocamentos. Mas esta cultura é sobretudo analisada sob os aspectos materiais, como um conjunto de artefatos utilizados pelos homens em sua relação com o espaço. As idéias que a subentendem e a linguagem que a exprimem não são mais evocadas. (CLAVAL, 2007, p. 22).

A Geografia Humana é estudada sobre a base teórica colocada por Ratzel que ao mesmo tempo em que utiliza o termo “cultura”, restringe a utilização do conceito ao considerar como parte da cultura apenas o material. Em 1907, Otto Sclüter considerou a paisagem o objeto da Geografia Humana que está vinculada à maneira com que o espaço é manipulado pela sociedade.

A Geografia Cultural norte-americana só teve êxito trinta anos após os trabalhos alemães desta área, graças ao trabalho de Carl O. Sauer. Para Sauer, assim como para os alemães, a Geografia está limitada ao visível sobre a superfície terrestre.

Na Geografia francesa, Vidal de La Blache (1845-1918) utiliza a proposta de Geografia Humana de Ratzel de estudar as influências do meio sobre os homens. Interessa-se também pelo uso das técnicas utilizadas para transformar o ambiente. La Blache tem a intenção de explicar os lugares e não os homens, apesar de querer analisar os gêneros de vida considerando como “cultura” as paisagens que as sociedades modificam e os instrumentos que utilizam para isso.

A noção de gênero de vida introduz, assim, na geografia humana francesa, uma lógica que estimula à integração, em seu campo, de aspectos comportamentais cada vez mais variados e complexos. Naturalista pela sua origem e suas justificações, ela deriva rapidamente para as posições mais humanistas. (CLAVAL, 2007, p. 35).

Jean Brunhes (1869-1930), em 1907, publica a *Géographie humaine*, obra na qual define rigorosamente os métodos da Geografia Humana, devendo esta analisar os fatos produtivos da ocupação do solo.

A crise na Geografia Cultural se deu devido ao desgaste natural do tema, a uniformização iniciada a partir do fim da Segunda Guerra Mundial e as transformações ocorridas no campo pela modernização.

As sociedades concebidas a partir do gênero de vida desaparecem em todos os lugares do mundo. Isto parece condenar as pesquisas de geografia cultural. (CLAVAL, 2007, p. 49).

Após a década de 70, a Geografia Cultural parecia ter seu fim decretado, as representações culturais, que até então eram negligenciadas em detrimento das técnicas, agora uniformes, e começaram a ser estudadas. Assim, os aspectos sociais, econômicos e políticos passam a ser mais bem compreendidos e os estudos sobre ideologias, ideias e religiões são incentivados para entender a experiência que as pessoas tem do mundo e, com isso as influências causadas por esta vivência.

A complexificação da cultura, ocasionada pelas transformações do tempo, de padrões culturais e de educação permitiu a percepção de mais realidades que devido à complexidade espacial dão a impressão de espaços menores, aumentando assim o interesse pelo estudo da Geografia Cultural. A fenomenologia ampliou as possibilidades conceituais em várias áreas da Geografia. O entendimento sobre a significação dos espaços para cada indivíduo permitiria falar de territórios; e permitiria construir objetos sociais.

1.2 CULTURA

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. Não é portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e comportamentos. (CLAVAL, 2007, p. 89).

A diversidade de cultura se dá em diversas escalas que correspondem às diferentes nacionalidades, regionalidades, clima, estados, cidades e até aos lares. As

formas com que as pessoas se relacionam com o meio são definidas pela sua educação e pelos conceitos reproduzidos por seus pais ou responsáveis. A cultura está diretamente ligada às experiências individuais que designarão um sentimento ao fato vivido, ela depende das histórias ocorridas em diferentes tempos. A cultura representa, individualmente, uma crença, uma educação, um histórico de experiências que se constroem no decorrer da vida do homem.

O objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica (CLAVAL, 2002, p. 20).

A paisagem exhibe construções de diferentes épocas que representam variadas identidades e sentimentos deixados pelos fatos que levaram àquela construção, assim, diferentes culturas convivem numa mesma paisagem.

1.2.1 A transmissão

A transmissão de cultura se dá durante toda a vida do ser social. Na infância, os pais ou responsáveis ensinam o indivíduo a andar, falar, comer, os rituais que são feitos na escola, nos locais de práticas religiosas, nos lugares de convivência social são importantes para definir a identidade deste.

A partir do momento que um grupo de pessoas começa a se comunicar oral e gestualmente, as possibilidades de criação de cultura, envolvendo rituais e crenças, crescem exponencialmente. Historicamente, a cultura foi mais difundida oral e gestualmente o que fez com que muito se perdesse, uma vez que esse método dependia principalmente da memória de quem contava as histórias. Nas sociedades onde a transmissão de conhecimentos é predominantemente oral todos têm o mesmo acesso à cultura. É, normalmente, por esse tipo de comunicação que se dão os aprendizados da vida cotidiana, como utilizar ferramentas, como cozinhar, quando plantar e colher, por exemplo.

Os códigos e a escrita permitiram que a cultura se mantivesse por mais tempo uma vez que estava “imune” às perdas de memória ou ao esquecimento pelo tempo além de facilitar a transmissão de conhecimentos para lugares mais distantes. As escritas na pedra, no pergaminho e mais tarde no papel permitiram que muitos fatos

fossem conhecidos, o que se dependesse da comunicação oral e gestual provavelmente não ocorreria. Porém, a escrita ao mesmo tempo em que preserva a cultura, exclui os que não têm acesso à educação necessária para a decodificação, isto acentua as diferenças sociais e estimula as relações de poder.

A cultura só existe através dos indivíduos aos quais é transmitida, e que, por sua vez, a utilizam, a enriquecem, a transformam e a difundem. (CLAVAL, 2007, p. 89).

Para ser aceita, uma cultura é analisada socialmente de acordo com os padrões já estabelecidos. Sua aceitação pode depender de permissões políticas, em sociedades com regimes políticos mais rígidos ou com importantes grupos da sociedade, e interesse ou necessidade da população. (Em um país com uma religião definida e liberdade controlada, a inserção de um novo culto dependeria da aprovação do líder local, enquanto uma nova ferramenta para agricultura dependeria da necessidade de uma determinada população para se provar eficiente, por exemplo.).

1.3 IDENTIDADE

O convívio em comunidade faz com que uma identidade individual seja buscada, todos os seres sociais são educados e aprendem uma série de valores que são comuns àquela sociedade. A identidade, ao mesmo tempo em que, única, numa escala maior, é coletiva numa escala menor onde os habitantes de uma vila, por exemplo, se sentem pertencentes àquele território.

São visíveis as diferentes identidades coletivas numa metrópole, onde existem diversos grupos de pessoas que se identificam por um mesmo ponto em comum, como a roupa que vestem, a música que escutam ou os lugares que frequentam.

1.3.1 Identidade Territorial e Religião

[...] e entendendo a identidade como similaridade, a identificação consiste em se assemelhar a qualquer coisa ou a qualquer um e se traduz, principalmente, tanto para o indivíduo quanto para o grupo, por

um sentimento de pertencimento comum, de partilha e de coesão sociais. (LE BOSSÉ, 1999, p. 161).

A identidade territorial é, então, o sentimento de pertença a um dado território que pode ser um país ou a casa de um indivíduo, por exemplo. Esse sentimento é criado pelas experiências vividas e pode representar uma identidade social, ao ser foco de resistência por defender direitos identitários das minorias, segundo Le Bossé (1999).

Segundo Rosendahl (2002), Sopher classificou religião em dois grandes grupos, as religiões étnicas, que são de uma população num lugar específico, e as religiões universalizantes, que consideram suas crenças úteis para todas as pessoas e expandem seu território e se difundiram pelo mundo.

Os espaços apropriados efetiva ou afetivamente são denominados territórios. Territorialidade, por sua vez, significa o conjunto de práticas, desenvolvido por instituições ou grupos, no sentido de controlar um dado território. (ROSENDAHL, 2002, p. 59).

Como grande exemplo de religiões universalizantes, temos o cristianismo, o budismo e o islamismo que durante sua busca pela legitimação enquanto instituições religiosas e hegemônicas, agregaram novos territórios às suas sedes.

A Igreja Católica Apostólica Romana é o mais claro exemplo de estrutura hierarquizada e de vasto território agregado, existe uma visível organização religiosa, mas é notável enquanto instituição política e econômica. As grandes instituições protestantes também têm estrutura organizada e hierarquizada, devendo seguir diretrizes da Igreja maior.

A fé, aqui, é o agente principal dos religiosos sendo responsável pela experiência e crença da realidade vivida onde a vida religiosa acontece em cada território religioso. Ela define quem são os participantes, ou não, dessa realidade religiosa e a interpretação que eles têm do espaço, do tempo e da vida. As grandes religiões se expandiram devido à utilização de uma mesma língua, em uma macroescala, e pela difusão entre seus seguidores, numa microescala.

O desenvolvimento da identidade religiosa está condicionado a uma determinada temporalidade e espacialidade e perpassa o reconhecimento institucional da religião. (GIL FILHO, 2008, p. 83).

1.4 GEOGRAFIA DA RELIGIÃO

A produção geográfica dos últimos anos sobre religião se foca muito nos conceitos de sagrado e profano onde a análise se dá em três dimensões, segundo Rosendahl (2002). Na dimensão econômica são analisados os valores simbólicos que, ao serem reconhecidos, são importantes para o espaço sagrado por entender as relações humanas. Nessa dimensão, a produção de bens simbólicos visa legitimar os valores estabelecidos para a sociedade e revalorizar, constantemente, o valor do sagrado. Reconhece-se então, principalmente nesse caso de estudo, a religião Católica como instituição econômica e política ao percebermos a produção de um verdadeiro “capital religioso”, e a forma como determinadas instâncias autorizadas a administrá-lo visam reproduzir e expandir sua área de domínio.

Na dimensão política, são analisados os territórios enquanto hierarquias. No caso do catolicismo, o Vaticano reconhece as dioceses e paróquias e possui poder soberano sobre elas.

A organização interna dos territórios da Igreja é dinâmica, móvel no espaço, quer por criação de novas dioceses, quer por fragmentação das paróquias. (ROSENDAHL, 2007, p. 195).

Tão importante quanto o território, na dimensão política, é a territorialidade que significa as práticas realizadas pelos grupos e instituições e o legitima enquanto território religioso.

Na dimensão do lugar, a difusão da fé e a área de abrangência de uma comunidade religiosa são abordadas e torna-se então importante entender como o religioso vivencia seu espaço sagrado. Os lugares considerados sagrados são chamados de “hierópolis”, segundo Rosendahl (2002); esse lugar deriva de um conjunto de símbolos, criados pela experiência religiosa ou pela concepção que esse indivíduo tem do mundo. A individualidade dos rituais, de acordo com as religiões ou pelo lugar onde se dão as práticas religiosas, legitimam a consagração enquanto hierópolis.

As hierópolis exprimem, sob formas simbólicas, o relacionamento iluminado do homem e seu Deus. (ROSENDAHL, 2007, p. 207).

2. UMBANDA

A caracterização da Religião Umbanda é necessária aqui para que se entendam suas especificidades, suas semelhanças e diferenças perante outras religiões existentes.

Nada surge do nada, nada há de novo sob o sol, todas as religiões são formadas de cultos e culturas anteriores que lhe emprestaram símbolos, ritos, e mitos combinados e ressignificados. (CUMINO, 2011, p. 33).

Cumino (2011) reproduziu em seu livro, peça fundamental deste trabalho, uma entrevista dada por Zélio de Moraes, fundador da Umbanda, em 1972, onde é contada a história da Umbanda e são esclarecidos questionamentos muito importantes para a religião.

2.1 HISTORICO

Em 15 de novembro de 1908, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, através do médium Zélio de Moraes, criou uma nova religião chamada Umbanda onde seriam aceitos para realização de “trabalhos”¹, trabalhadores simples e humildes, que até então não eram aceitos no espiritismo, no plano material e no plano espiritual, segundo Cumino(2011). As sessões espirituais aconteciam na casa de Zélio de Moraes, onde foi criada a primeira Tenda de Umbanda que foi batizada com o nome de Nossa Senhora da Piedade. Os trabalhos ali seriam realizados diariamente das 20 às 22 horas, o atendimento deveria ser gratuito e os trabalhadores deveriam estar vestidos totalmente de branco e de tênis. Os médiuns trabalhadores podiam usar guias – que são colares feitos de pequenas pedras, de determinadas cores, que representam orixás e entidades protetoras.

Na primeira sessão na casa de Zélio, manifestou-se o espírito do velho ex-escravo que se apresentou de forma muito humilde, na forma de falar e de agir. Não quis sentar-se à mesa onde se realizavam os trabalhos, pois não era lugar de “nego” e impressionou todos os presentes ao pedir apenas um cachimbo². Outros médiuns

¹Denominação comum aos trabalhos espirituais, que acontecem em religiões espiritualistas.

² Segundo Linares, Trindade e Costa (2008) o uso do fumo pelas entidades incorporadas tem propriedades de purificação a serem utilizadas em consulentes necessitados.

puderam então, incorporar seus Caboclos e Preto-Velhos que não eram aceitos nos centros Kardecistas, assim como alguns instrumentos, como as velas, fumo, cachaça, pois são vistos como instrumentos de espíritos atrasados, ainda ligados com a vida material.

Após dez anos, o Caboclo das Sete Encruzilhadas determinou que fossem fundados mais sete templos de Umbanda, ainda no Rio de Janeiro, que seguissem suas regras. Nesse período, eram comuns os trabalhos de feitiçarias, feitos para o mal através de objetos materiais, animais e pessoas, tudo a preços elevadíssimos. Para combater esses trabalhos, mais entidades e orixás foram apresentados aos rituais nas Tendas, onde não eram permitidos sacrifícios de animais, nem que fosse cobrado por qualquer um dos trabalhos realizados ali.

2.1.1 Sincretismo religioso e Orixás

O sincretismo religioso nas religiões brasileiras, como a Umbanda, surgiu com a escravatura do índio e do negro. O não entendimento do catolicismo e a necessidade de seguir seus cultos os levaram a mentir, dizendo que estavam cultuando os santos católicos.

a Umbanda nasceu com santos católicos e o sincretismo com os Orixás foi trazido gradativamente pelo elemento negro oriundo dos cultos africanos. (LINARES, TRINDADE E COSTA, 2008, p. 31)

A palavra Orixá significa “senhor da cabeça”, representa uma energia da natureza que trabalha em áreas específicas e está relacionada às linhas de cultuação, que apesar das controvérsias e divisões são, em sua maioria, determinados por cada Centro.

Nos trabalhos, cada Orixá tem sua energia própria, determinada para atuar em diferentes áreas, tanto da natureza quanto para ajudar na resolução de demandas³. Essas linhas são denominadas de falange. São dez os principais Orixás, mas as casas de Umbanda normalmente adotam sete, de acordo com suas linhas de trabalho, ou com os Orixás de proteção de cada chefe de terreiro. Oxalá é o regente de todas as outras energias, está presente em todos os trabalhos, pois é para

³ Problemas ou batalhas a serem resolvidas. Linguagem comum nos centros Umbandistas.

ele que são prestadas as contas; é representado, no sincretismo, pela figura de Jesus Cristo. Ogum é representado por São Jorge; no sincretismo, a força da natureza que o representa é o fogo que forja o aço, sendo então o Orixá Guerreiro, vencedor de batalhas. Xangô é o Orixá das pedreiras; a rocha e sua solidez representam a Justiça Divina. É sincretizado pela figura de São Jerônimo. O machado de duas faces que o simboliza representa proteção e punição aos que não forem justos. Oxóssi representa as forças da natureza, as matas, as ervas e os índios; é nessa linha que trabalham os Caboclos da Umbanda; é sincretizado com São Sebastião. Iemanjá representa a força do mar, que remete ao útero materno, ao período da fecundação e do desenvolvimento do feto; é sincretizada com Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora dos Navegantes e Nossa Senhora da Guia. Oxum, sincretizada com Nossa Senhora da Conceição Aparecida, representa a força da água doce, dos rios e cachoeiras; corresponde ao equilíbrio emocional e à reprodução. Iansã é o Orixá dos raios, chuvas e ventos, além de possuir ligação com a água também. É representada por Santa Bárbara; está ligada a mudanças, à lealdade e à franqueza. Nanã representa a força da terra com a água; é o princípio e o fim, já que é ela que recolhe o espírito no momento do desencarne e o encaminha ao plano espiritual com muito amor maternal; é sincretizada com Santa Ana, a avó de Jesus. Iorí é o Orixá que representa o intelecto; são trabalhadores dessa linha as crianças, conhecidas também como Ibejada ou Erês, que são espíritos puros de muita luz capazes de neutralizar trabalhos de variadas energias; no sincretismo é representado por Cosme e Damião. Iorimá é conhecido como linha das Almas; são trabalhadores dessa linha os primeiros habilitados para combater o mal que assumem a roupagem de Pretos Velhos, caracterizados por sua humildade e simplicidade. É sincretizado por São Cipriano⁴.

2.1.2 Entidades

Segundo Linares, Trindade e Costa (2008) a Umbanda se sustenta em três pilares, em termos de entidades espirituais, os Pretos-Velhos, os Caboclos e as Crianças. Os Pretos Velhos são, normalmente, espíritos de negros escravos do Brasil, caracterizam-se principalmente pela humildade, paciência e o modo carinhoso que tratam seus “filhos”, como chamam as pessoas atendidas. Podem usar cachimbos ou cigarros de palha e fumo de corda para limpeza de vibrações negativas. Os Caboclos

⁴ Informação cedida pelo Preto-Velho Pai Joaquim de Aruanda em resposta à nossa pergunta sobre as linhas de Umbanda.

são espíritos de índios ou mestiços que dominam as artes dos banhos, ervas e chás medicinais e podem, também, utilizar charutos com a mesma finalidade dos Pretos Velhos. As crianças são espíritos puros e espontâneos que conservam características da Terra, como o gosto por doces, refrigerantes e brinquedos.

Trabalham ainda, Baianos, Boiadeiros, Marinheiros, Exus e Ciganos, que formam a chamada linha de esquerda. São entidades em evolução que trabalham para, assim como nós, quitarem seus karmas⁵. Os Boiadeiros costumam ser muito alegres e ajudam a resolver problemas de casais, brigas e problemas financeiros, manifestam-se manejando seu laço, e chamando o gado, como faziam na terra e são eficientes trabalhadores na desobsessão⁶. Os Marinheiros, mostram-se cambaleantes e gostam de bebidas alcoólicas, são muito alegres e podem trabalhar na cura devido à proximidade com as entidades da água. Os Ciganos manifestam-se com aspectos de sua cultura, utilizando nos trabalhos baralhos, cristais e moedas para resolver problemas sentimentais e financeiros. Todos esses trabalhadores se utilizam de magia para alcançar algum objetivo pedido por um consulente.

Entende-se por Magia a Força Vibratória destinada a atingir determinado objetivo. Pode ser benéfica (Magia Branca) ou maléfica (Magia Negra). A Magia Negra utiliza-se de espíritos inferiores para promover o mal. (LINARES; TRINDADE; COSTA, 2008, p. 111).

Os Exus, as Pombas-Gira (Exu feminino) e seus trabalhos são os pontos que mais geram debates entre todas as correntes. Há correntes que definem Exus e Pombas-Gira como trabalhadores do mal, como seres de pouca luz, mas são, segundo Mendonça (2010), seres de muita luz, que estão em evolução. Na Umbanda instituída pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, Exu é um soldado, subordinado a um Caboclo ou Preto-Velho, e responsável pela segurança da casa, e dos médiuns. São responsáveis por capturar espíritos que trabalham como obsessores de outros, por neutralizar trabalhos de magia negra. Por trabalharem em zonas de baixa vibração energética, conhecidas como umbralinas⁷, são vistos pela Igreja Católica como

⁵Débitos ou créditos perante a Justiça Divina, resultantes de nosso procedimento em encarnações anteriores (CALLIGARIS, 2005).

⁶Obsessão é a influência causada por um espírito à outrem, seja ele encarnado ou desencarnado. Desobsessão é o trabalho realizado para que as influências causadas ao obsediado sejam diminuídas e que o obsessor seja tratado (SCHUBERT, 2004).

⁷ Umbral é o lugar para onde vão os que não souberam aproveitar a vida na terra. O tempo de permanência lá depende do estado mental do desencarnado. Se aproxima da visão dos católicos de purgatório. (Informação cedida pela Preta-Velha Maria Conga em resposta à pergunta sobre o Umbral.)

demônios, mas assumem roupagens energéticas mais “feias” para passarem despercebidos e executarem com mais eficiência, seus trabalhos. As giras⁸ realizadas para eles, ou para os outros membros da linha de esquerda são as mais movimentadas, são as entidades mais próximas, energeticamente, de nós e a alegria transmitida por eles é responsável por encher os terreiros em dias de trabalho.

2.2 UMBANDA E ESPIRITISMO (KARDECISMO)

O termo “Espiritismo” é sinônimo de Doutrina Espírita, porém, frequentemente, é utilizado erroneamente para designar qualquer prática do mediunismo (comunicação com os Espíritos), ou confundido com cultos afro-brasileiros (Umbanda, Candomblé, entre outros). Os adeptos da Doutrina Espírita são os espíritos e suas práticas se baseiam no estudo das obras básicas da Codificação e na assistência material e espiritual aos necessitados. (COMUNHÃO ESPÍRITA DE BRASÍLIA, 2010⁹).

No Livro dos Espíritos, Allan Kardec afirma que os espíritos preferem estar no meio que os agrade, onde serão ouvidos. Ou seja, as práticas sociais de determinado grupo determinam os espíritos que os assistirão. A forma humilde de falar e se vestir, apresentada por um Preto-Velho, tende então a aproximá-lo de uma população mais simples, mas não representa, necessariamente, uma encarnação passada nessa condição.

A Federação Espírita de Niterói sediou a primeira manifestação de Umbanda que foi a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas no médium Zélio de Moraes e por muito tempo a Umbanda foi chamada de Espiritismo de Umbanda. Porém, embora a doutrina de Allan Kardec tenha servido como base teórica para os estudos nos trabalhos Umbandistas as práticas ritualísticas são bem diferentes.

A linha branca de Umbanda que é representada pelos trabalhos que seguem as diretrizes do Caboclo das Sete Encruzilhadas, se utiliza da decodificação de Allan Kardec (1804-1869), mas se diferencia ao acreditar na magia.

A influência espírita na Umbanda foi importante para a formação da religião, a definição da Umbanda como um ramo do espiritismo foi uma das tentativas de fugir

⁸Nome popular para a sessão espírita onde ocorrem os trabalhos.

⁹Disponível em: http://www.comunhaoespirita.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1&Itemid=3. Acessado em: 18 abr. 2010.

do preconceito e da perseguição acentuada em 1934, segundo Cumino (2011), com a promulgação da Lei que colocou o Espiritismo, a Umbanda e os outros cultos sob jurisdição do Departamento de Tóxicos e Mistificações da Polícia do Rio de Janeiro na seção de Costumes e Divisões, e terminou com a promulgação da Lei de Liberdade religiosa, depois do fim da era Vargas, com a aprovação da Constituição Brasileira de 1946. A partir daí os Umbandistas foram conquistando mais espaço e respeito da sociedade. Enquanto a Umbanda “subia de categoria” para Espiritismo, as Macumbas cariocas eram as mais perseguidas, e “subiam de categoria” para Umbanda, também tentando fugir dos preconceitos.

Kardecismo é raiz para Umbanda, assim como o Judaísmo para o Cristianismo, no entanto, a Umbanda não tem apenas essa raiz. (CUMINO, 2011, p. 43).

2.3 INFLUÊNCIA AFRICANA

Segundo Cumino (2011), a palavra Umbanda já existia na África antes da religião ser fundada no Brasil e se refere a práticas rituais semelhantes às da religião brasileira mas que se aproximam ainda mais do Candomblé Baiano na linha do Keto¹⁰. Diversos autores defendem a origem africana da Umbanda enquanto outros afirmam que ela seria uma evolução do espiritismo africano.

De origem africana são muitos os nomes utilizados pela Umbanda.

Da Cultura Nagô, a Umbanda recebe o culto aos Orixás, reverenciados na natureza, sendo oferecidos a eles frutas, flores, velas e bebidas. Da cultura Gêge, a Umbanda reconhece semelhanças com o Tambor de Mina do Maranhão e sua encantaria, em que se manifestam ‘Caboclos’ e “Pretos-Velhos”, na condição de “encantados”, índios e africanos entre outros. (CUMINO, 2011, p. 55-56.).

De acordo com Linares, Trindade e Costa (2008), os escravos eram comprados pelas características físicas e pelas diferenças culturais para que se dificultassem as rebeliões e fugas. Diante disso, os negros escravos perceberam que o que os aproximava eram os cultos aos Orixás. O negro passou, então, a cultuar seu Orixá diante da imagem de um Santo Católico.

Quando, à noite, a maioria dos negros e senhores brancos dormiam, procuravam encontrar aqueles capazes de aprender os cultos aos

¹⁰ Linha do Candomblé mais conhecida em Salvador, importante religião afro-brasileira.

Orixás e, muitas vezes guiados pelos índios amigos que os conduziam aos diferentes reinos da Natureza, os “iniciados” davam suas obrigações aos Orixás. No dia seguinte à iniciação, para que não houvesse suspeita do ocorrido, o iniciado devia mostrar-se na Igreja. Essa prática ficou muito famosa nos candomblés da Bahia, onde o iniciado era obrigado a assistir a uma missa na Igreja do Senhor do Bonfim, prática que ainda hoje é utilizada. (LINARES; TRINDADE; COSTA, 2008, p. 72).

Os elementos existentes do africanismo na Umbanda se instalaram, em sua maioria, pelo Preto Velho incorporado; ou seja, pelo espírito e não pela presença física de um homem negro.

De acordo com Cumino (2011), nas religiões de base africana são mais comuns as oferendas aos Orixás, utilizando energias de animais por meio de sacrifícios. A energia do animal oferecida ao Orixá por meio de oferendas ou banhos tem como objetivo fortalecer a ligação do médium ao seu Orixá de maior proteção.

2.4 INFLUÊNCIA INDÍGENA

Segundo Cumino (2011), a Umbanda tem da raiz indígena, o amor à natureza, o uso do fumo e das ervas. Alguns dos elementos e entidades da Umbanda se relacionam aos do Catimbó¹¹. Os chás, as defumações e os banhos de ervas são comuns em várias sociedades, incluindo a européia, mas são extremamente comuns nas indígenas, assim como são recomendados como tratamento na Umbanda para diversas situações espirituais. Os Caboclos da Umbanda representam comandantes dessa religião e são normalmente os responsáveis pelas atividades de uma Tenda de Umbanda. A influência indígena e seus conhecimentos de magias, fauna e flora acrescentam muito à religião.

Caboclos são espíritos de índios brasileiros sul, ou norte americanos, que dispõem de conhecimento milenar xamânico do uso de ervas para banhos de limpeza e chás para auxílio à cura das doenças. São entidades simples, diretas, por vezes altivas, como velhos índios guerreiros. (RAMATIS, 2011, p. 47).

Há ainda relação entre as divindades indígenas e os Orixás que correspondem a um mesmo elemento natural, por exemplo: Iara para os indígenas é a “Deusa” das águas, o que representa na Umbanda Iemanjá; Aimoré é a divindade da

¹¹ Combinação do Toré com a magia européia.

caça, que é representado por Oxossi. Cumino (2012) ressalta que existem três principais pontos sobre a presença indígena na Umbanda: o Xamanismo¹² que é um estado de transe que para ser alcançado pode ser pela ingestão de bebida ou fumo que lhe faça ampliar sua consciência; o Toré¹³ que consiste numa dança realizada com a infusão de bebida alucinógena onde os índios, usuários desta, reverenciam o “Espírito da Jurema”; e o Catimbó ou Linha da Jurema que consiste numa combinação do Toré com a magia européia onde o ritual lembra o da Umbanda.

2.5 INFLUÊNCIA CRISTÃ E CATÓLICA

O cristianismo está presente na maioria das crenças e do povo brasileiro, inclusive dos que declaram não possuírem uma religião definida, simplesmente pela simpatia à ética de Cristo. Nos censos passados, era menor o número de umbandistas, candomblecistas e kardecistas, a maioria se declarava católico ou cristão. O Caboclo das Sete Encruzilhadas, segundo Cumino (2011, p. 63) trouxe a Umbanda um discurso “doutrinário cristão e sincrético com os Orixás”.

Sincretismo une dois elementos ou ideias, criando uma terceira, composta e derivada destas. Assim, reconhecemos que a Umbanda não criou o sincretismo entre os santos e Orixás, ela apenas absorveu a prática já usada nos barracões dos diferentes cultos afros, todos cristianizados para sobreviver na “Terra de Santa Cruz” [...] (CUMINO, 2011, p. 64).

A Umbanda e o catolicismo se aproximam historicamente, pois a criminalização ocorrida da Umbanda foi criada por ideais católicos, que ao verem seus fiéis deixando de ir à missa para assistir as giras e ter o conforto de um conselho de um Preto-Velho, associaram imagens negativas à religião. Fora a crença em Cristo, a aproximação da Umbanda ao Catolicismo se dá pela forma com que os Orixás são sincretizados aos santos.

2.6 INFLUÊNCIA MÁGICA

¹² Prática realizada por aborígenes do mundo inteiro, que prevê a alteração da consciência para realizar curas ou profecias (CUMINO, 2011, p. 59).

¹³ Praticado no Brasil pela tribo dos Kariri-Xocó que consiste numa dança realizada para o “Encontro com Deus” (CUMINO, 2011, p. 60).

As entidades da Umbanda se utilizam de magias para realização de trabalhos, variando conforme a entidade e conforme o problema a ser resolvido. O ritual faz parte da magia assim como os benzimentos, os passes e as receitas de banho e saís. Para realização dessa magia são utilizados materiais como velas, bebidas, ervas, flores, pedras e para riscar pontos¹⁴ no chão é utilizada a pemba¹⁵

¹⁴“Ponto riscado” é um desenho emblemático ou simbólico. Atrai, com a concentração que determina para ser traçado, as entidades ou falanges a que se refere. Tem sempre uma significação e exprime, às vezes, muitas coisas em poucos traços (CUMINO, 2011).

¹⁵Bloco de giz.

3. ESTUDO DE CASO

Foram visitados os centros de Umbanda mais conhecidos do Plano Piloto em Brasília, Distrito Federal. Os centros encontram-se discretamente localizados na paisagem brasiliense. Não ostentam grandes imagens em suas fachadas. Nos 3 lugares visitados, existe apenas um letreiro discreto informando o centro ali existente.

As perguntas feitas a todos os dirigentes foram as mesmas, com a finalidade de diferenciar a identidade de cada terreiro, onde lhes foi perguntado sobre: 1º) o tempo de existência da casa; 2º) quem é a entidade responsável; 3º) se pertence a alguma federação espírita ou de Umbanda; 4º) se sim qual; 5º) quais são os Orixás de maior regência; 6º) se existem giras diferenciadas (considera-se “diferenciada” quaisquer giras que não de Caboclos, Preto-Velhos e Crianças) e se elas são programadas; 7º) qual é o uniforme da corrente mediúnica; 8º) se são permitidos adereços; 9º) quais são os trabalhos realizados pela casa; e 10º) quais são os materiais utilizados para os trabalhos.

Localização da área de estudo

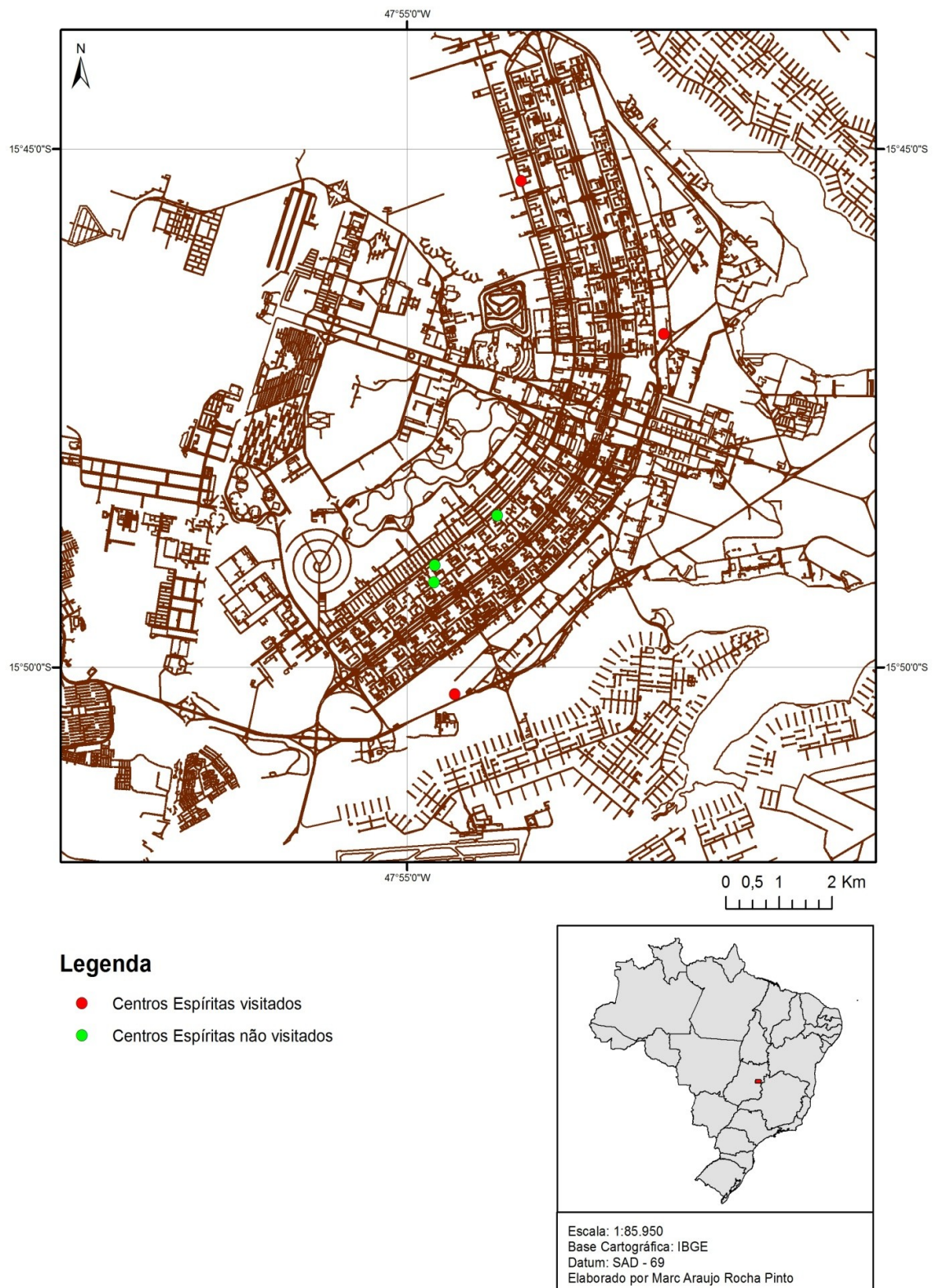


Figura 1 – Localização da área de estudo
[organização nossa]

3.1 TENDA DE OXALÁ

Esse centro espírita existe há 40 anos sob a direção da Dona Irani e se localiza na 602 Norte (Figura 2), em frente à via L2 Norte, nos fundos de uma casa para idosos fundada por ela levando o nome de sua mãe, Cecilia Ferraz Andrade.

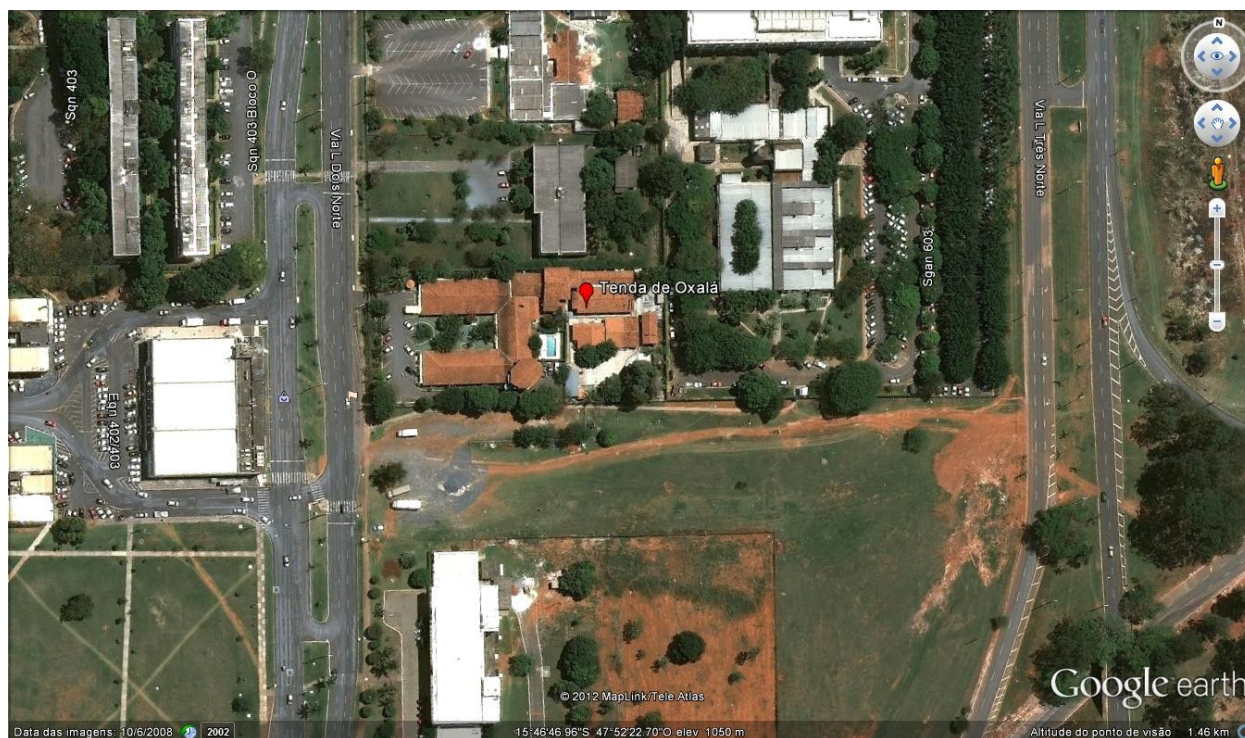


Figura 2 – Centro Espírita Tenda de Oxalá.
[imagem tratada a partir do *Google Earth*]

Dona Irani já tem mais de 70 anos e alguns problemas de saúde que a levaram a passar a direção da casa para 3 pessoas: Rodrigo, seu neto, Alfredo, seu genro e Carlos, um amigo e antigo médium da casa. Ainda assim, as entidades responsáveis pela casa são o Caboclo Tupinambá e o Exu João Caveira, nessa ordem, sendo que todos eles são recebidos somente pela Dona Irani. Os principais orixás de regência da casa são: Oxalá, Ogum, Xangô, Oxóssi, Oxum, Iemanjá, Iansã.

O centro realiza trabalhos de cura; desobsessão; trabalhos de limpeza de ambiente (por indicação do Seu João Caveira); desenvolvimento mediúnico; orientação, por meio das consultas espirituais e ponto de fogo¹⁶. São autorizadas pela casa giras de Caboclos, realizadas na primeira segunda do mês, giras de Pretos-Velhos, realizadas nas demais segundas feiras, giras de Crianças, ou Erês, realizadas

¹⁶ Trabalho especial realizado pela casa, no qual o Exu dirigente, por meio do ponto riscado no chão coberto por pólvora, objetiva ajudar pessoas a resolverem problemas (Resposta dada pela Preta-Velha Maria Conga).

na primeira quarta feira do mês e giras de Exu, realizadas na ultima sexta feira de cada mês. Caso haja alguma comemoração ou data especial para outra gira, há a marcação e o dirigente faz a divulgação para a corrente mediúnica e para a assistência.

A casa adota como uniforme feminino um vestido branco, abaixo do joelho, com o símbolo da casa e o nome do médium bordado no bolso e masculino calça e tênis branco com um jaleco com o mesmo padrão de bordado do feminino, não sendo permitido o uso de adereços em quaisquer giras. Os médiuns que dão consulta devem ter uma toalha bordada que deverá ficar do lado direito, com o ponto riscado de seu Caboclo ou Preto-Velho.

Quanto aos materiais utilizados previamente autorizados são: velas brancas, pomba, água, pólvora (nos trabalhos de ponto de fogo), rosas, tábuas, charutos, cachimbos e cigarros, bonecas (em giras de criança), cachaça, champanhe, uísque e vinho (esses 3 últimos em giras de Exu).

3.1.1 Gira de Preto Velho

A entrevista com o Rodrigo, um dos dirigentes da casa, aconteceu antes de uma Gira de Preto-Velho onde foram respondidas as perguntas que suscitaram na descrição anterior. Foi autorizada a reprodução e a descrição da gira que começou pontualmente às 20h.

O salão onde as giras são realizadas é um amplo espaço, com chão branco de cerâmica, e iluminado por luzes verdes (Figura 3). A parte da assistência é separada da parte onde ocorrem os rituais por um cercado de madeira, com uma porteira na frente, por onde entram as pessoas que serão atendidas.



Figura 3 – Salão onde ocorrem as giras.
[foto da autora]

Os médiuns se organizam num semicírculo em direção ao Congá¹⁷, onde as médiuns ficam ao lado direito e os homens do lado esquerdo, por ordem de tempo de casa. É colocada uma música instrumental calma, para concentração dos médiuns e preparo dos trabalhos que é seguida de um ponto cantado para Oxum, onde podem ser ofertadas rosas pela assistência e pelos médiuns. Em seguida, é feita a oração de São Francisco e ao seu final o Caboclo dirigente vem em terra para firmar seu ponto em frente ao Congá (Figura 4), e autorizar que a vela para Xangô seja acesa.

Há então a oferta de rosas para Oxalá que é benzida pelo Caboclo dirigente e pode ser depositada ou levada para casa. Logo após é cantado o ponto para a descida dos quatro trabalhadores da linha de Ogum escolhidos pelo dirigente da gira, que riscam seus “pontos de firmeza”(que representam sua linha de trabalho e firmam sua energia de proteção) para fortalecer a segurança dos trabalhos. Quando os Oguns desincorporam, são chamados os dois caboclos que ficarão de ronda durante o serviço, sendo responsáveis por coordenar os trabalhos, realizar consultas e agir em qualquer caso de emergência, que riscam seus pontos, um de cada lado, reafirmando o compromisso de trabalho naquele dia.

¹⁷ Função semelhante ao altar para dos católicos.



Figura 4- Salão da Tenda de Oxalá
[Foto da autora.]

É autorizada a descida dos Caboclos para o passe (sob uma combinação de pontos cantados e palmas ritmadas), sendo feito um corredor de médiuns incorporados em frente à porteira por onde entrará a assistência. Após essa organização, as pessoas da assistência são autorizadas a passar pela corrente de passe, organizadas por um médium da corrente que se disponibiliza a esse trabalho.

Depois do passe cantam-se pontos para a desincorporação dos caboclos e reorganização da corrente, quando é feita uma oração na forma de ponto cantado, em agradecimento às graças do dia. Há então o início de cantos para a descida dos Pretos-Velhos, e os médiuns estão autorizados a buscar os materiais que serão utilizados (por exemplo, os banquinhos, para os atendimentos). Neste momento os médiuns se organizam para o início efetivo dos trabalhos, quando apenas os médiuns que já riscaram seus pontos estão autorizados a atender. Os Pretos-Velhos já estando em terras e devidamente preparados, começa a assistência: as pessoas são chamadas pela senha, distribuída horas antes do início da gira.

Após todos os atendimentos é cantado o ponto para a subida dos Pretos-Velhos, seguido por uma oração de agradecimento pelos trabalhos. Em seguida, são chamados os trabalhadores na linha de Ogum, para o último passe na assistência e nos médiuns não incorporados.

Depois do passe, onde os únicos incorporados são o Caboclo dirigente e os dois ronda há o ponto cantado em agradecimento à proteção de Ogum. Canta-se o ponto para a subida dos Caboclos de ronda e em seguida do Caboclo dirigente. São feitas as ultimas orações cantadas que são de agradecimento, pedindo força e pedindo e agradecendo pela Babá, a Dona Irani.

3.1.2 *Gira de Criança*

As giras de criança na Tenda de Oxalá, ocorrem na primeira quarta-feira de todo mês, antes da gira de desenvolvimento, que é fechada para os médiuns. Acontecem, também às 20h e são abertas para o público.

O ritual de abertura muito semelhante ao da gira de Preto-Velho até o passe de caboclos, não havendo apenas o benzimento das rosas.

Após a desincorporação dos Caboclos, a corrente mediúnica é reorganizada para que seja cantado o ponto para incorporação das crianças. Todos os médiuns estão autorizados a incorporar suas crianças, independente de terem ou não permissão de dar consulta. Após a incorporação, os médiuns que já dão consulta se posicionam do lado direito da área onde ocorrem os rituais e os que não dão consulta se sentam ao lado esquerdo da mesma área.

Os primeiros chamados a entrar são as crianças e seus responsáveis e os idosos. As outras pessoas podem em seguida fazer uma fila em frente à porta de entrada e, conforme disponibilidade, podem entrar. Nesse dia as pessoas atendidas costumam oferecer doces e balas às crianças, inclusive as que ainda não dão consulta.

Após terminarem os atendimentos, é solicitado às pessoas que foram atendidas que se retirem, pois se iniciará o desenvolvimento mediúnico, que é fechado para a corrente, aos seus parentes e aos que foram encaminhados ao desenvolvimento para ingressar na corrente.

3.2 PAI JOAQUIM DE ARUANDA

O Centro Espírita Pai Joaquim de Aruanda (Figura 5) se localiza numa área dentro dos limites do Parque de Uso Múltiplo no final da L2 Sul e seu acesso é dificultado pela ausência de ônibus nas proximidades, pela distância entre as paradas; sem contar com a não pavimentação dos acessos.

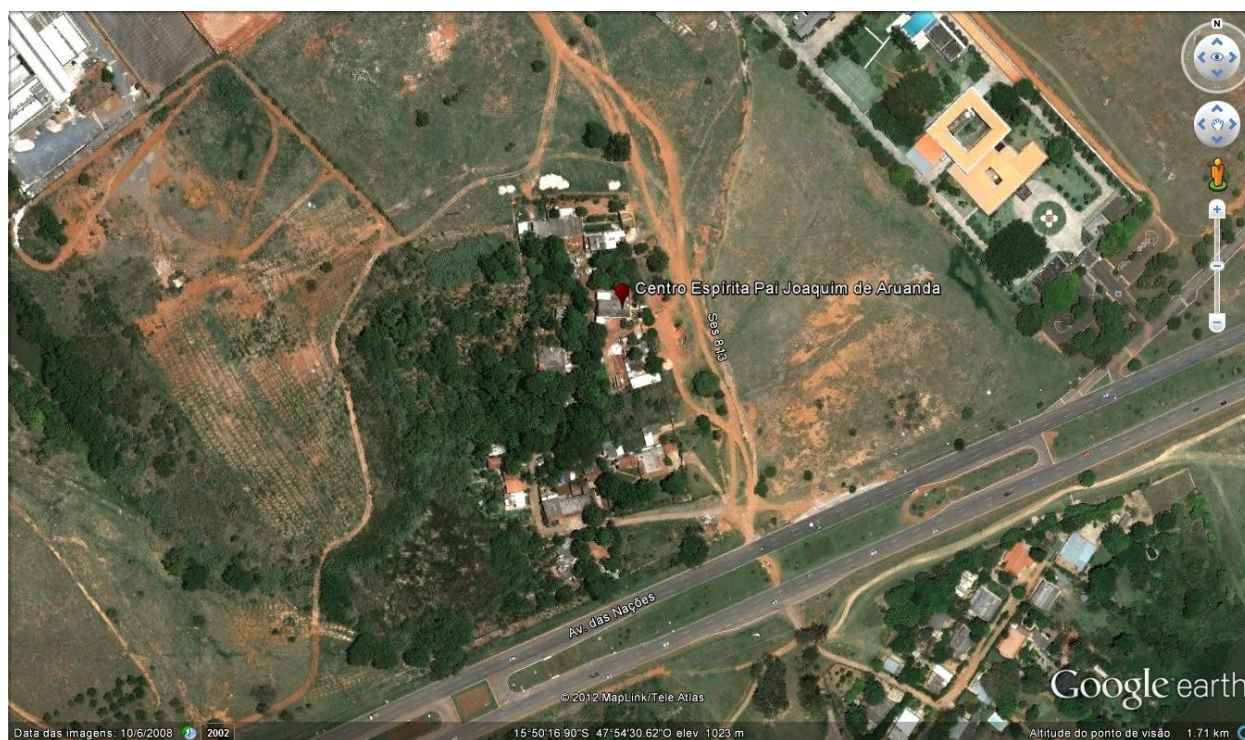


Figura 5- Pai Joaquim de Aruanda.
[imagem tratada a partir do *Google Earth*]

De acordo com o atual dirigente, Paulo, a casa existe há mais de trinta anos, sendo que está sob seu comando há três anos e tem como entidade responsável o Caboclo Trovão das Matas, que trabalha na linha de Xangô. Os Orixás de regência da casa são Oxalá e Iemanjá.

O centro realiza trabalhos na linha de cura, chamada Linha do Oriente. Há mesas kardecistas, onde há orientação e doutrina e giras de Preto-Velho, Caboclo, Crianças e Exu. Os dias normais de trabalho são as quintas-feiras, havendo outras giras marcadas e comunicadas à assistência por meio de avisos fixados na porta de entrada aos consulentes.

O uniforme é o mesmo para homens e mulheres e se constitui em calça branca e jaleco branco com o símbolo do centro bordado no bolso, e ainda são

utilizadas as “guias”, sendo que adereços só são autorizados em giras de esquerda¹⁸. Para os trabalhos, são utilizadas velas coloridas, charutos, cachimbos, cristais, rochas, plantas e flores. A casa utiliza atabaques, pontos cantados e palmas durante os trabalhos sob orientação do dirigente.

3.2.1 *A Busca das respostas*

A primeira visita à casa foi realizada numa gira de Preto-Velho (quinta feira 31/05/2012), quando o dirigente não pôde ser entrevistado, pois estava atarefado. De todo modo, autorizou nossa presença ali, nos orientando a retornar à casa na segunda-feira (04/06), ocasião em que se daria a Gira de Kardec.

3.2.2 *Gira de Preto-Velho*

Há uma preparação interna onde os médiuns e a casa são defumados, e a porta para a entrada dos consulentes só é aberta na hora de iniciarem os trabalhos, que aconteceu às 20h. Os médiuns já se encontravam na parte destinada a eles que se separa da parte da assistência por um baixo muro e uma porteira que consiste numa corrente. Eles se organizavam de frente para o congá, formando um semicírculo onde as mulheres ficam do lado esquerdo e os homens do lado direito; o mesmo deveria acontecer na assistência.

Após a organização dos consulentes em seus lugares, Paulo pediu silêncio e explicou como seria feito o trabalho naquele dia que era na falange de Xangô, dizendo que os pedidos que seriam feitos deveriam ser acompanhados de perdão àqueles que deviam algo, para que fosse promovida a Justiça Divina. A primeira etapa do trabalho seria a limpeza ou passe, e em seguida seriam iniciadas as consultas com as entidades.

Em seguida a essa conversa inicial, em direção à corrente mediúnica, Paulo ordenou a descida dos Caboclos e o início dos cantos comandados pelo atabaque e cantados pela corrente. Os Caboclos formaram então um corredor em frente à entrada

¹⁸ Nome popular para as giras de Exu, Boiadeiros, Marinheiros e Ciganos.

da assistência que após passar pela corrente de passe saía da área principal dos trabalhos por saídas laterais. Mulheres à esquerda, homens à direita.

Depois do passe, foi autorizada a descida dos Pretos-Velhos, para início dos atendimentos. As pessoas foram chamadas por meio de senhas, distribuídas horas antes do início dos trabalhos.

Após os atendimentos, o dirigente autorizou a subida das entidades e ordenou a reorganização da corrente mediúnica. E ordenou o fim dos trabalhos.

3.2.3 Kardec

A área onde acontecem os trabalhos estava organizada de forma diferenciada da Gira de Preto- Velho. Havia cadeiras dispostas num semicírculo e uma grande mesa, coberta com toalhas brancas, onde se viam livros, papéis brancos, lápis, jarra com água e vaso com rosas brancas.

Não havia cadeiras dispostas para a assistência; todos se sentaram na área de trabalho – os homens do lado direito, as mulheres do lado esquerdo, tal como no outro dia de trabalho.

Os trabalhos se iniciaram com a palestra de um Kardecista, convidado por Paulo, para falar sobre desenvolvimento mediúnico. Em seguida, houve a leitura de trechos do *Evangelho Segundo Espiritismo* de Allan Kardec, quando foi permitida a manifestação de espíritos através dos oito médiuns sentados ao redor da mesa central. Os espíritos se manifestaram por meio de psicografias, psicofonias e pictografias¹⁹.

Ao final dos trabalhos, Paulo agradeceu a presença do palestrante e ressaltou a importância daquele trabalho, incentivando o estudo e a doutrinação dos espíritos e médiuns presentes. Foi então distribuído aos presentes um copo com a água que estava no centro da mesa.

Quando o trabalho já havia terminado, procuramos Paulo para que nos respondesse algumas questões atinentes a nosso trabalho de pesquisa. Ele foi solícito ao nos atender, mas disse que por ordem espiritual deveríamos assistir às duas

¹⁹Respectivamente, transmissão do pensamento de um espírito mediante a escrita através da mão de um médium, mediante a fala através do aparelho vocal de um médium, e pintura ou desenho feito por um espírito através de médium (KARDEC, 2005).

próximas giras de trabalho, que seriam de cura, e à Festa de Exu, a ser realizada no dia 13 de Junho.

3.2.4 *Gira de Oriente*

Na Gira de Oriente, ou Cura, realizada em 11/06, o salão de atendimento estava repleto de colchões cobertos com panos brancos e com um médium incorporado sentado em cada cabeceira, para o atendimento. O consulente é orientado a deitar, é coberto e começa a ser atendido. A entidade ainda sentada próxima à cabeça do consulente faz suas orações (em um “idioma” que não pudemos reconhecer); em seguida, caminha em direção aos pés, onde novamente, sentada, faz mais orações. Logo após, com o consulente ainda deitado, a entidade se levanta para “limpar” o restante do corpo do atendido. Quando a limpeza termina, o cambono²⁰ traz um copo com água para a entidade e para o consulente, que é orientado a se levantar e se retirar.

Nesse trabalho, quase não há contato físico entre o médium que está atendendo e o consulente, e só há consulta caso a entidade tenha algo a falar. Talvez pela falta de consulta, seja uma gira de pouca frequência da assistência.

3.2.5 *Festa de Exu*

A Festa de Exu aconteceu na quarta-feira, dia 13 de Junho, dia de Santo Antonio, cultuado na linha de Exu, numa relação de sincretismo.

O salão principal estava novamente organizado de forma diferenciada, embora os médiuns estivessem internamente organizados da mesma forma. A decoração interna consistia em seis folhas de bananeira representando uma estrela de seis pontas. Em cada ponta existia uma oferenda (champanhe ou cachaça) e no centro um candelabro com seis velas pretas e vermelhas e uma cesta cheia de frutas.

Paulo lembrou a corrente que somente os médiuns que já tinham firmado compromisso com a casa estavam autorizados a utilizar bebidas alcoólicas e ordenou que as pessoas da assistência se levantassem e virassem de costas para o congá, e

²⁰ Médium da corrente que não trabalha incorporado e é encarregado de auxiliar as entidades.

em seguida determinou a incorporação dos médiuns. Quando os Exus já estavam em terra, autorizou a assistência a se virar de frente para eles, enquanto os médiuns cantavam pontos guiados pelo atabaque. Autorizava, assim, a chamada da assistência para consulta.

3.2.6 *Gira de Caboclo*

O salão estava disposto como na Gira de Preto Velho e a preparação da corrente foi a mesma. Quando os consulentes foram autorizados a se acomodarem nas cadeiras, Paulo explicou que os trabalhos da noite seriam na linha de Oxóssi para limpeza espiritual, e que se houvesse algo a ser dito, a entidade se pronunciaria; caso contrário, a consulta seria somente para passe. Foi então autorizada a descida dos Caboclos, guiados pelo som do atabaque e dos pontos cantados.

Depois de todos os atendimentos, Paulo perguntou aos médiuns da corrente se havia alguém com um membro da família doente e pediu a estes que se posicionassem no centro da corrente. Em seguida, faria uma oração em prol do reestabelecimento deles. Quando esse trabalho terminou, determinou a organização da corrente, rezaram um Pai-Nosso e foi determinado o fim dos trabalhos daquela noite.

3.3 **NOSSA SENHORA DA GLÓRIA**

O Centro de Umbanda Nossa Senhora da Glória se localiza na 711/911 Norte (Figura 6)], em meio a escolas, casas e ao lado de uma das filiais da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE-DF).



Figura 6- Centro Espírita Assistencialista Nossa Senhora da Glória.
[imagem tratada a partir do *Google Earth*]

O Centro existe há 47 anos e foi fundado no dia 15 de agosto de 1965, dia de Nossa Senhora da Glória, que sincretiza com Iemanjá, sendo então a Orixá de maior regência.



Figura 7- Frente do Centro Espírita Assistencialista Nossa Senhora da Glória.
[Foto da autora.]

Possui como dirigente espiritual responsável o Caboclo Pena Branca. A casa não pertence mais a nenhuma Federação espírita, pois de acordo com o senhor Thompson, um dos dirigentes que foi entrevistado, a Federação estava querendo interferir na autonomia do centro ao propor mudanças.

Os atendimentos feitos pela casa são às segundas-feiras, quando há consulta com pretos velhos; sextas-feiras, quando, na primeira do mês, há consulta com a linha da esquerda e as demais com caboclos; e aos domingos, quando as consultas são feitas com crianças. O uniforme da casa é predominantemente branco; as mulheres usam saias rodadas, não padronizadas, e blusas brancas largas; e os homens, blusas e calças brancas não padronizadas. A variação do uniforme se dá nas giras de criança, quando as mulheres usam blusa azul e saia rosa e os homens blusa rosa e calça azul. Os médiuns utilizam ainda um pano, que simboliza o manto de Jesus e serve para auxiliar no trabalho, evitando o contato físico entre médiuns e pessoas em atendimento.

A utilização de adereços só é permitida na gira de esquerda se houver um pedido da entidade, e que seja aprovado pelo dirigente da casa. Os trabalhos realizados pela casa são de cura, desobsessão e atendimento a desenvolvimento mediúnico para a corrente, realizado uma vez por mês.

Os materiais utilizados para os trabalhos são: velas coloridas, que ficam basicamente no congá e são acesas do lado de fora; velas brancas são mais utilizadas na área interna, onde ocorrem os atendimentos; e a pomba.



Figura 8- Galpão onde ocorrem os atendimentos.
[Foto da autora.]

3.3.1 *Gira de criança*

A gira de criança assistida aconteceu no domingo 26 de agosto de 2012, e se iniciou às 9 horas e 20 minutos, aproximadamente. Os médiuns entram por uma porta exclusiva com acesso direto à área onde ocorrem as giras e se organizaram em 2 filas sem aparente lógica, com homens e mulheres misturados. Tocam um sino 7 vezes e ao final os médiuns fazem um sinal da cruz. Cantam então um ponto de defumação. O dirigente da sessão é o puxador e os médiuns também cantam, sem palmas ou atabaques. Enquanto cantam esses pontos, um médium leva o defumador por todos os cantos da área principal e em seguida passa pelas pessoas do lado de fora, para “limpa-las” também. Após a defumação todos os presentes se viram de costas para o Congá e são cantados pontos de saudação para os Exus, pedindo proteção e reconhecendo sua importância e força na segurança da casa. Ao termino da saudação aos Exus, todos se viram de frente para o Congá e a assistência é autorizada a sentar. Neste momento, os médiuns cantam pontos para a abertura dos trabalhos, saudando os Orixás. Sob a orientação do dirigente, rezam a Oração de São Francisco, um Pai-

Nosso e uma Ave Maria. Há então a incorporação de um Preto Velho que fica sentado na frente do Congá (Figura 9), porém de costas para ele. É autorizada então a incorporação das crianças, que ao chegarem vão cumprimentar o Preto Velho e depois se organizam para o início dos atendimentos.



Figura 9- Detalhes do Congá.
[Foto da autora.]

São chamadas as crianças e os responsáveis para atendimento. Já dentro da área de atendimento, eles formam uma fila para abraçar o Preto Velho e em seguida falam com as crianças, que lhes dão balas e doces (guardados em sacos plásticos distribuídos na entrada).

Após os atendimentos é ordenada a desincorporação das crianças, todos rezam um Pai-Nosso e o fim dos trabalhos é decretado.

CONCLUSÃO

Pela pesquisa de campo, percebe-se uma mudança muito grande estrutural entre os rituais iniciais e seus instrumentos materiais designados pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, caracterizando o que Claval (2007) considera fundamental para a cultura: sua difusão e transformação. A falta de uma hierarquia que determinasse um padrão para os centros é um fator que se soma à grande extensão territorial brasileira e a diversidade cultural, que contribuem para uma identidade tão múltipla para um mesmo objeto, a Umbanda.

Apesar das peculiaridades de cada casa e de cada ritual, os centros representam a identidade de Umbanda, que apresenta muitas “versões”, devendo-se saber pontuar as diferenças entre elas para entender a complexidade da identidade desta religião.

Ainda com suas diferenças, são focos de resistência de minorias, constituindo as identidades sociais (LE BOSSÉ, 1999), que variam entre “identidades coletivas”, ao representar a identidade umbandista, e “identidade individual”, ao representar seu território enquanto médium atuante de uma casa, por exemplo.

A Umbanda não se classifica em nenhum dos dois grupos que, de acordo com Rosendahl (2002), Sopher definiu. Não é “étnica”, por partilhar alguns conteúdos, rituais e entidades com outras religiões (e, com isso, “existe” em outras religiões), e não é “universalizante”, pois seu território expandido é apenas o que se relaciona à identidade com a religião e sua difusão pelo mundo se dá de forma miscigenada às religiões assemelhadas.

A não existência de obrigatoriedade na participação de Federações ou Associações Espíritas ou Umbandistas reforça a confirmação da hipótese do trabalho, que supunha cada centro como um território. As diferenças entre os centros constituem, segundo Rosendahl (2007), a territorialidade, reafirmando-os não só como territórios, mas também como “hierópolis”. As diferenças foram destacadas pelas entrevistas e pela observação das giras: cada um dos centros tem um padrão definido para as sessões (utilizando materiais, uniformes e a forma de manter a energia circulando com os pontos cantados).

Não foram feitas entrevistas com os frequentadores dos centros pois a intenção não era, neste trabalho, verificar sua percepção do lugar.

A não existência de registros fotográficos na descrição do Centro Pai Joaquim de Aruanda se justifica pela falta de autorização do dirigente, o Paulo.

No levantamento feito, foram encontrados seis centros de Umbanda no Plano Piloto. Os três que foram visitados para a pesquisa são os de maior expressão, por serem os maiores e os mais antigos.

Dentre os fatores limitantes para a execução do trabalho estiveram: 1º) a entrevista aos dirigentes, pois boa parte deles, devido a compromissos cotidianos, chegava poucos minutos antes do início os trabalhos; 2º) a dificuldade de locomoção, pois a maioria das sessões termina muito tarde e o transporte público no Plano Piloto é limitado e com fim das atividades por volta da meia-noite.

A diversidade de bibliografia que tratar da Umbanda, gerou conflitos no desenvolvimento do trabalho, pois muitas possuíam informações conflitantes. A solução encontrada foi, então, a de questionar as entidades durante as giras.

As semelhanças observadas nos centros visitados foram: o atendimento com as entidades, a cor dos uniformes (mas variando seus modelos e a possibilidade de utilização de assessórios) e o fato das entidades responsáveis serem Caboclos. Por fim, os centros supramencionados têm em comum a intenção dos trabalhos feitos, que é a de ajudar o próximo por meio das práticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLIGARIS, Rodolfo. **As leis morais**: segundo a filosofia espírita. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

_____. **“A volta do cultural” na geografia**. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/192/158>>. Acesso em: 06 set. 2011.

COMUNHÃO ESPÍRITA DE BRASÍLIA. **O que é espiritismo?** Brasília: Comunhão Espírita de Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.comunhaoespirita.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1&Itemid=3>. Acesso em: 18 abr. 2010.

CORRÊA, Roberto L. **A dimensão cultural do espaço**: alguns temas. Disponível em: <<http://nepec.com.br/2lobato.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2011.

CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: _____. (Org.). **Introdução à geografia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 9-18

_____. (Org.). **Introdução à geografia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CUMINO, Alexandre. **História da umbanda**: uma religião brasileira. 2. ed. São Paulo: Madras, 2011.

FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA. **Espiritismo de A a Z**. Disponível em: <<http://www.sistemas.febnet.org.br/site/az/AZ-Vocabulos-e-Conceitos.php>>. Acesso em: 20 ago. 2012.

GIL FILHO, Sylvio F. **Espaço sagrado**: estudos em geografia da religião. 20. ed. Curitiba: IBPEX, 2008.

HAESBAERT, Rogério. Território, cultura e des-territorialização. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Org.). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

KARDEC, Allan. **O Livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores**. 49. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em geografia cultural: algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

MENDONÇA, Evandro. **Exu, pomba-gira e seus axés**. São Bernardo do Campo: Anubis, 2010.

RAMATÍS [(Espírito) psicografado por Norberto Peixoto]. In: CARVALHO, Sidnei (Org.). **Umbanda de A a Z**. Limeira: Editora do Conhecimento, 2011. p. 47

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. 2. ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

_____. **Geografia da religião**: uma proposição temática. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp11/Geousp11_Rosenthal.I.HTM>. Acesso em: 18/set/2012

SAUER, Carl O. Geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Introdução à geografia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 19-26

SCHUBERT, Suely C. **Obsessão/desobsessão**: profilaxia e terapêutica espíritas. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004.